

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

ASSIGNATURA

Aveiro: 100 n.º, 28000; 50, 15000; 25, 500 réis.—Fôra de Aveiro: 100 n.º, 28250; 50, 15125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 n.º (moeda forte), 43500 réis.—Pagamento adiantado.

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

ANNUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis.—Communicados, cada linha, 30 réis.—Annuncios permanentes, mediante contrato.—Os ars. assignantes gozam do desconto de 25 p. c.

Redacção, rua do Espirito Santo, 71

NUMERO AVULSO, 20 REIS

Administração, rua do Espirito Santo, 71

AVEIRO

A POLITICA

Hoje todos choram; hontem todos se riam. Hontem, todos esses que se vêem agora sem dinheiro, luctando com difficuldades immensas, muitos com a miséria á porta, hontem todos esses encolhiam os hombros quando lhes falavam nos esbanjamentos, nas immoralidades, nos estragos de toda a ordem que se praticavam por esse paiz fóra; todós esses tratavam desdenhosamente a politica, referindo-se com desprezo aos homens publicos que gastavam a sua actividade e a sua intelligencia, com sacrificios de toda a ordem, a apontar-lhes o caminho desastroso que seguiam. Hoje ahi teem o abysmo a que os seus desatinos e as suas imprevidencias os arremessaram.

N'este mesmo periodico, e quantas vezes! nós lhes dissémos que não tratassem a politica com a indifferença, o desprezo ou o sarcasmo d'uma coisa inutil ou contraproducente; que a politica não era divertimento de dilettanti, nem jogo d'especuladores; mas, theoreticamente, a base de todas as sciencias, de todas as especulações do espirito humano; praticamente, condição indispensavel do exercicio regular de todas as funcções sociaes; que a considerassem assim e, partindo d'esse principio, a libertassem e reabilitassem no nosso paiz, a libertassem dos especuladores que em nome d'ella, deshonrando-a, comprometiam os interesses geraes em busca d'uns interesses parciaes, estes mesmos ephemeros e fallazes muitas vezes, e a reabilitassem do descredito a que esses mesmos especuladores a tinham arremessado.

Debalde. Os especuladores corriam atraz da miragem seductora que os enganava; os ignorantes não percebiam o alcance do conselho que nós e tantos outros lhes davamos e os egoistas brutaes não cessavam de bater nas algibeiras gritando, com a mais irritante das boçalidades, — *a minha politica é esta.*

A politica d'elles todos era o dinheiro. E á sombra d'ella se fizeram chalets de Luzo e outras tantas porcarias d'essa natureza. A' sombra d'ella se commetteram escandalos como os do porto de Lisboa, os da Salamancada, os da outra metade, etc. A' sombra d'ella se gastaram rios de dinheiro em eleições, em anichar afilhados e amigos, em pagar a galopins, e em outras tantas bellezas d'essa ordem. A' sombra d'ella vegetaram Navarros, Marianos, Maneis Firminos e outras tantas creaturas identicas. Mas á sombra d'ella se arruinaram tambem as industrias; cresceram, espantosamente, os juros da divida publica; ficou ao abandono o que poderia constituir a melhor fonte das nossas receitas; definiu a agricultura; perderam-se as colonias; estancou-se o credito; desacreditou-se o nome portuguez, até virmos parar a esta bancarrota em que vivemos já e que dia a dia irá abrindo as fau-

ces cada vez mais ameaçadora e horrivel.

A politica d'elles era o dinheiro. A politica d'elles era *cada um governar-se.* Onde encontra hoje, porém, o proprio galopim, que tanto dinheiro espalhou para servir interesses ruins, o preciso para se alimentar? Onde vae amanhã o empregado publico, que tão pressurosamente vendeu pelo emprego o voto, a consciencia, ou a influencia, onde vae elle amanhã buscar o pão para a familia? Quando se fecharem as fabricas, como já está succedendo, quando as industrias succumbirem á falta de transacções e de mercados, o que fica ao industrial n'essas algibeiras onde estava d'antes a sua unica politica?

Funestissimo resultado d'uma pessima educação, d'uma lamentavel imprevidencia, ou d'uma leveza de consciencia que bem merecia este inferno em que vamos cabindo. Como sempre, sofre o justo pelo peccador. Unica máguia que nos acompanha, além de vermos hora a hora o esphacelar d'esta nacionalidade, tão gloriosa outr'ora, tão abjecta n'este momento, unica máguia pelas desgraças porque estamos passando. Se não fóra isso, não era motivo de máguas, antes o era d'alegrias, o vermos o castigo cruel d'esses miseraveis, tão indignos do nome de homens, que hontem venderam a dignidade, a honra, os progressos da patria, por um prato de lentilhas que só lhes deu o prazer d'um segundo. Por um segundo de prazer, uma agonia que ninguem sabe quando terá fim!

Este facto é tanto mais revoltante quanto é certo nada custar o exercicio dos direitos civicos. Não é justo, sem duvida, que cada um sacrifique á politica o bem de sua familia. Ha casos em que esse sacrificio representa um acto d'abnegação que merece os respeito e a gratidão de todos. Mas são esses casos excepcionaes, que nada tiram á verdade da regra geral, antes se produzem unicamente pela falta d'observancia da mesma regra. Não é justo nem preciso que algum sacrifique completamente os seus interesses ao exercicio politico. Mas tambem não é justo, antes é um crime que as leis severamente deveriam castigar, mas tambem é monstruoso e repellente que o homem obedeça unicamente á satisfacção immediata e absoluta do seu egoismo, desprezando todas as bases constitutivas do pacto social que é a condição *sine qua non* da sua vida commum. Mas tambem é profundamente condemnavel que o cidadão deixe de exercer, segundo a sua consciencia, os direitos politicos, abstando-se d'elles ou exercendo-os por influencias estranhas á sua razão e á sua vontade. Bem pouco lhe custaria esse dever! E por tão pouco estaria livre Portugal dos grandes cataclismos que a ignorancia e a venalidade de seus filhos lhe acarretaram e que nenhuma força nem nenhum acontecimento poderá evitar em absoluto e completo.

Deus nos dê juizo para o futuro se ainda somos susceptiveis de o tomar!

LETRAS D'UM LUNATICO

Sr. redactor do POVO DE AVEIRO.

Pedi-me V. que lhe escrevesse mais alguma coisa sobre assumptos politicos. Gostou da minha carta e, segundo me disse, gostaram tambem os leitores. Pois bem. V. pediu-me a minha collaboração; eu prometti-a; arrendi-me d'isso; mas o promettido é devido, por conseguinte aqui me tem ás suas ordens.

Arrependi-me e eu lhe digo porquê. Eu não tenho habitos d'escrever para o publico. E o habito, por mais que o dictado lhe seja adverso, é que quasi sempre faz o monge. Um facto bem talhado faz muitas vezes d'um grande mariola uma pessoa da melhor sociedade, *na sociedade portugueza.* Na litteratura succede, em regra, a mesma coisa. Pouco illustrado e mal orientado o publico portuguez gosta mais do atavio da palavra e do rendilhado da phrase do que da excellencia e do sazoado da idéa. Ora sendo eu pobre d'idéas e pobrissimo d'estylo, não posso fazer boa figura, não posso honrar o seu jornal e portanto não posso agradar aos seus leitores. Houve, certamente, um bocado d'exaggero no que V. me disse sobre a impressão da minha primeira carta.

Eis um dos motivos porque eu me arrependi de lhe ter promettido continuar.

Outro, é eu não perceber nada de conveniencias politicas. E sendo o seu jornal essencialmente politico, vejo-me seriamente atrapalhado sem saber o que hei de fazer, razão unica porque vou chamar a estes escriptos — *as cartas d'um lunatico* — a ver se me posso safar assim de difficuldades, isto é, a ver se os leitores do *Povo de Aveiro* ficam sabendo explicar as minhas tolices, que hão de ser fartas e muitas.

Vamos á primeira e começemos já por um incidente.

Porque é que o sr. Gomes da Silva provocou um conflicto com o redactor principal d'esse bi-semanario? Sabia de antemão que o sr. Christo não se batia com nenhum dos homens que teem coberto o seu nome de calumnias? Sabia que o sr. Christo não podia honrar os que, não se contentando em levar-o á prisão, lamentavam abertamente a circumstancia d'elle ter sido absolvido? Não sei. O que sei é que o facto não é em si tão indifferente nem tão pessoal que não constitua um dos melhores symptomas do abatimento em que cahimos.

Tudo é fingido, convencional, ou falso entre nós. O sr. Christo escreveu que o sr. Gomes da Silva recebera da commissão municipal, e por conseguinte das *gracças régias*, um emprego de réis 1:500\$000. Não é verdade? Era a primeira coisa, ou a unica que o sr. Gomes da Silva tinha a demonstrar para se desaffrontar, se havia affronta em tal accusação. E' verdade? Todos os duellos n'este caso são um convencionalismo ridiculo, uma mentira, que representa, como todas as mentiras, uma immoralidade que a democracia não pôde admitir.

O sr. Gomes da Silva batia-se

em duello e a terra continuava no seu gyro, os cães ladravam á lua e o sr. Gomes da Silva ficava honrado! Mas recebia ou não recebia um republicano 1:500\$000 réis annuaes d'uma commissão nomeada pelo rei para administrar o municipio de Lisboa? Como é que Victor Hugo, Quinet, Luiz Blanc, nos tempos do imperio, Rochefort e tantos outros, no tempo da 3.ª republica franceza, andaram de terra em terra homisiados, ou de grilheta ao pé em Nova Caledonia, e os republicanos em Portugal recebem das mãos do rei empregos de contos de réis annuaes? Eu não percebo isto, sr. redactor. Não percebo estas monstruosidades. Cahe-me a penna no papel ao mesmo tempo que sinto um côro de indignações no partido republicano por eu estar dizendo estas tolices. Sinto d'aqui os clamores que se erguem contra mim: *isso não se diz*, bradará um jornal d'aqui a dias. *Unir fleiras*, gritará outro, e *deixemo-nos de luctas de facções*. Nós não somos nem pelos radicales, nem pelos historicos, dirá outro soberanamente, senhor d'uma grande lição de historia, alivio do seu ensinamento e da sua patriótica abnegação. E a terra continuará no seu gyro, e os cães ladrarão á lua e o sr. Gomes da Silva continuará sendo o nosso *dedicado correligionario* com 1:500\$000 réis que lhe entrega a commissão que o rei nomeou para gerir os negocios do municipio de Lisboa. E eu, sr. redactor do *Povo de Aveiro*, ficarei o que me defini a mim proprio, antes que os meus correligionarios me definam peor: — um *lunatico*, um pobre diabo que não percebe nada de conveniencias, nem de habilidades, nem de combinações politicas.

Mas se V. tem paciencia, sr. redactor, vá-me aturando o chorriho das asneiras, que não terminei ainda. O sr. Gomes da Silva era, ao menos, um empregado antigo do municipio de Lisboa? Merecia, á parte a sua qualidade de republicano, a graça, que lhe concederam, pelo seu longo tirocinio burocratico, pelos serviços prestados na sua carreira, pela sua dedicacção nos trabalhos officiaes? Não preteriu ninguém? Não saltou adeante de qualquer com muitos mais serviços do que elle? Sim, preteriu. Sim, passou adeante de todos. O sr. Gomes da Silva era um empregado modernissimo na camara. Mas a moralidade republicana intercedeu e s. ex.ª venceu todos os monarchicos em rendimentos e benesses. E depois d'isso vinha a impostura do duello a cobrir a immoralidade e o escandalo! Tudo convencional, diremos outra vez, tudo falso, tudo fingido na sociedade portugueza.

Sobre o caso provado do sr. Gomes da Silva só passados 25 dias pedir satisfacções pela sua honra *offendida*, nada direi, porque a immoralidade é de tal ordem que não aceita commentarios. Onde o nivel moral andasse um pouquinho mais alto, não era preciso mais nada para que o sr. Gomes da Silva se considerasse um homem morto. Entre nós não haverá duvidas nenhuma. Mas não deixe o observa-

dor, o critico, o philosopho do attentar n'este facto tão significativo da nossa degradação.

Não era o brio proprio que Gomes da Silva desaggravava; não era á consciencia que elle obedecia; era a qualquer ardi desconhecido ou a qualquer dictame menos digno. Não se indignou quando leu o artigo do *Povo de Aveiro*; vinte cinco dias decorreram sem se julgar offendido ou deshonrado; só passado esse tempo o aguilhou a *necessidade* (note-se bem!) a necessidade de mostrar ao publico que era homem de cavalheirismo e brios.

Como facto pathologico-social não ha outro, junto á circumstancia do sr. Hygino de Sousa, duramente atingido no mesmo artigo que originou a questão, e do sr. Mem Rodrigues de Vasconcellos que foi quem mais influia como membro da commissão executiva para que a Gomes da Silva fossem concedidos réis 1:500\$000 annuaes, junto á circumstancia d'esses senhores entrarem como juizes n'uma pendencia em que figuravam ao mesmo tempo de partes importantes, como facto pathologico-social é este um dos melhores para aquilatarmos do estado d'este povo.

E n'outro numero, sr. redactor, continuarei com os meus estudos sobre a sociedade portugueza, n'estes tempos de vergonhosa baixesa a que chegámos.

Lisboa, 7—7—91.

L. M.

O discurso do sr. Arriaga

Começámos hoje a publicar o magnifico discurso que o sr. dr. Manuel de Arriaga e nosso illustre amigo pronunciou na camara sobre a questão ingleza. Por elle se verá quanto foram injustas e perfidas as referencias do *Seculo*.

O sr. MANUEL DE ARRIAGA (*na tribuna*): — Ao entrar n'esta casa corria o boato de que o partido republicano tinha accordado em não discutir este projecto, limitando-se a fazer declarações!...

Lá fóra, e de um jornal republicano, o *Seculo*, parecia deduzir-se que o partido republicano effectivamente se limitava a lavrar o seu protesto e mais nada!...

Ora como não só individualmente, mas na qualidade de que estou investido, e de que me prezo, de membro do actual directorio do partido republicano, eu estava deliberado a atacar este tratado com toda a energia de que sou capaz, e como muita gente pôde suppor que entre mim e a illustrada folha republicana havia qualquer accordo em contrario, e é certo, aliás, que nunca na minha vida dei para aquelle glorioso jornal uma só linha, e se acompanhei o seu modo de ver politico até certo tempo, hoje manifestamente, não sou solidario com a nova orientação que segue, segundo o seu plano democratico: eu que estava determinando a atacar com energia este projecto, mais obrigado fiquei diante dos boatos que corriam e das declarações que tinham sido feitas, sem minha auctorisação.

A primeira vez que fallei n'esta

casa sobre este projecto, no mesmo dia em que foi apresentado, apesar de haver uma limpeza geral sobre as minhas palavras em quasi toda a imprensa, incluindo o *Seculo*, chamei a attenção de v. ex.^a, sr. presidente, para que interviesse effizadamente a fim de que um assumpto de tanta gravidade não fosse approved, discutido e votado precipitadamente.

Pautadamente, reflectidamente, é que devia ser estudado e discutido, dizia eu ha quatro dias.

E nunca, as condições da opinião publica estiveram mais garantidas da seriedade e da serenidade com que esta discussão poderia ser mantida n'esta casa, como agora.

Lembrei então e repito, hoje, que esta questão tomou um caracter gravissimo, um caracter internacional, para que todas as nossas palavras, todas as nossas deliberações vão ser pesadas lá fóra, n'um tribunal mais alto do que o das mesquinhas conveniencias politicas em que as facções aqui se dividem, não fallando já da patria que deve estar acima de tudo e de todos.

A nação portugueza vae hoje ser aferida pela bitolla das deliberações que tomarmos n'este momento historico, e por isso temos de sacudir a nossa inercia, accentuar a nossa dignidade e afirmar o nosso direito por uma forma tão claramente definida e tão nitidamente expressa, que em todo o mundo se veja que a nação portugueza não encarou de coração ligeiro esta questão, que digo é a de maior magnitude, que até hoje tem sido trazida ao parlamento portuguez.

Antes do calor da discussão me levar pelo caminho a que naturalmente a minha indole, o meu genio e a espontaneidade do meu dizer me conduzirão, desejo fazer umas declarações prévias para que a camara veja qual é o meu espirito de justiça e bem assim qual a minha intuição, oxalá que erronea, sobre o futuro d'este amado, mas infeliz paiz.

Espero assim escudado com a vossa benevolencia e com a justiça que me assiste, merecer a vossa attenção por algum tempo, não muito, porque o estado da minha saúde não m'o permite, e até quasi que não poderia eu tomar hoje parte no debate.

Sr. presidente, eu desejo, antes de entrar na materia, deixar consignada a impressão geral que me causou o *Livro branco* e prestar a minha homenagem a dois ou tres homens que me parece têm direito a ella.

Não me irritou a leitura avida e minuciosa que fiz do *Livro branco*. Esta é a verdade. Se por um lado me deixou um profundo desalento, pela minha patria, pela direcção errada dada á causa, por outro lado fez-me vêr que o meu paiz fóra defendido por homens de valor e de ceração e com uma te-

nacidade que pôde servir de exemplo. (*Apoiados.*)

N'isto tributo a minha homenagem, sobretudo ao sr. Bocage. (*Muitos apoiados.*)

S. ex.^a pôde ter a certeza de que na parte relativa aos melindres de nação offendida, prestou um grande serviço ao paiz. (*Apoiados.*) Foi valente e foi portuguez. (*Apoiados.*) Não fez jogo do empurra d'esta questão grave para uma terceira pessoa: assumiu as responsabilidades da sua direcção. Não mandou outros para longe, para que tratassem do assumpto; estudou-o aqui; bem ou mal apontou o norte que queria se seguisse, e tão energeticamente procedeu, que me parece tornou-se digno por esse lado do respeito e consideração de todos. (*Apoiados.*) Tem tres ou quatro notas que deveras o honram. Não foi cortezão; foi portuguez, tanto basta para eu o admirar.

E, com surpresa minha, um cortezão que eu imaginava passaria o seu tempo flexível e docil na corte da Gran-Bretanha, sentiu em si a dignidade da patria offendida e apurou-se e manteve por vezes altiva e digna a sua causa.

Tanto basta para eu não lhe regatear a minha admiração.

Se n'este trabalho cooperou tambem o sr. ex-ministro da marinha, não posso pelo *Livro branco* conhecê-lo. É possível que tambem desse o seu contingente, e o que não posso deixar de dizer n'este momento é que a patria foi assim servida por homens que mostraram amal-a. (*Apoiados.*)

Aqui liquido as minhas amabilidades, que apenas teem o valor de partirem de um homem que n'um impulso de justificada indignação, em seu nome e no do povo que representava, recebeu n'esta casa com orgulho e com desprezo o convenio de 20 de agosto.

Vou entrar agora na materia, e se alguma palavra sahir de ora ávante aspera, perdoe-me a camara a sinceridade d'ella em attenção aos motivos que a dictam.

Srs. deputados, a patria a quem jurastes defender como seus representantes legitimos, acha-se n'este momento historico em frente da bifurcação, ou de um ponto de partida de dois caminhos diametralmente oppostos.

A escolha d'aquelle por onde se deve tomar vae decidir do futuro d'este paiz. O momento é pois solemne.

Permittam-me a comparação. Estamos n'uma estação vendo partir um comboio que leva consigo o nosso direito, a nossa dignidade, a nossa honra o nosso futuro. A agulha está já feita para partir esta machina sagrada, mas está feita, sr. presidente, no sentido de Inglaterra! O descarrilamento será completo e fatal! Se querem evital-o mudem a direcção da agulha; que o comboio se dirija primeiro para a familia portugueza, unin-

do-a n'uma tal solidariedade, n'uma tão perfeita unidade de pensamento que não haja uma discrepancia; e depois que siga fiada em si, e triumphante pela sua justiça, para o gremio de nações poderosas e amigas, onde a afinidade da raça e a solidariedade dos interesses nos dão uma justificada expectativa de exito.

Unamo-nos para a defeza do inimigo commum com os que têm interesse n'essa defeza, e poupe-mo-nos ao ridiculo de formarmos pacto de amizade com quem tem pouco escrupulo em nos esmagar como Cesar e em nos explorar como Skylock!

Eu sou havido por muitos como ideologo, e talvez seja verdade: que o que eu vejo em torno dos pés é tão pouco limpo ás vezes, que não é de admirar que o espirito se refugie na região das nuvens!...

(*Continúa.*)

CARTAS

LISBOA

7 de Julho.

Isto está mau. Eu não quero incorrer, pela minha parte, na responsabilidade de augmentar o panico, até onde chegar a influencia d'esse jornal, que já reina entre nós. Mas não posso tambem occultar a verdade, nas suas linhas geraes pelo menos. Ora isto vae de mal a peor, de tombo em tombo, até ir parar ao abysmo. Para lá vamos, porque ninguem tem força para salvar isto. Ninguem, absolutamente ninguem! Chegou a pontos de se tornar irremediavel, a não ser, claro é, depois de muitos annos de juizo. Mas ha de se lutar e muito. Lá cahir o maná do céu isso é que não cabe. Ha muito boa gente que espera por elle, como muito boa gente tem esperado até hoje por D. Sebastião. Mas succedeha o mesmo que a quem espera por sapatos de defuncto.

Agora appellam todos para a Republica. Emquanto tinham dinheiro no bolso, mandaram a Republica para o diabo. Agora que sentem as algibeiras cheias de cotão gritam por ella como por Santa Barbara quando dão trovões. Muito milagreira era a Santa Republica se curasse de prompto a doença d'estes destexidos ou d'estes especuladores! Ora deixem estar que a Republica ha de vir. Lá isso vem. Mas pão de centeio não ha de faltar em vez de pão de trigo. Então havia de ser só andar na pandega toda a vida? Roubava-se, esbanjava-se, queimava-se tudo e depois quando chegasse a fome lá estava o talisman da Republica para dar nova pandega e nova fartura. Ha

quem pense assim, ha. Até *republicanos*. Mas o caso ha de ser d'outra maneira. Sem duvida que o novo regimen ha de ser muito mais benefico do que o actual. Mas por isso e para isso mesmo háo de acabar todas as pandegas, todos os desatinos e todas as bambuchalatas.

Pão na mão e pau na outra. Rigorosa moralidade, observancia inabalavel da lei, termo a todas as extravagancias, abaixo todos os luxos e a Republica terá prestado um grande serviço a este paiz. De contrario seria mais uma vergonha e uma decepção, e basta d'uma coisa e outra.

Não se alegre, pois, os comedores e os extravagantes, que a proclamação d'um novo regimen não é caso para tanto.

Mas voltemos ao panico que reina em Lisboa.

No dia 11 termina a moratoria. E' prorogada? Juizo que sim. Torna-se quasi indispensavel fazel-o. Mas n'este caso temos um descredito medonho, além das difficuldades commerciaes que d'ahi resultam. Não é prorogada? Onde tem o banco de Portugal dinheiro para satisfazer as suas obrigações? O que será dos outros bancos?

A bota está muito difficil de descalçar.

Diz-se que o governo mandou cunhar moeda de prata no estrangeiro. O que é certo é que o metal falta cada vez mais no mercado. As libras já se vendem a cinco mil réis. A prata desapparece a pouco e pouco, já pela sua insufficiencia para as transacções, já pela desconfiança dos mais ricos que vão fazendo *celheiro* de dinheiro para occorrer a todas as eventualidades. Se esta mania, aliaz condemnavel, se esta mania d'*excelleirar* continúa, não sei aonde havemos de chegar.

Para fazer face a uma situação d'estas era preciso um ministerio resolvido a pôr de parte todas as contemplanções para obedecer unicamente ás inspirações das necessidades publicas. Infelizmente, os Mariannos e os Lopes nunca darão carreira direita na sua vida.

—Diminuíram as receitas das alfandegas e as dos caminhos de ferro.

Descendo, descendo... Não tardaremos no fundo.

Y.

ALBERGARIA VELHA

7 de Julho.

Nem sei como principiar esta minha correspondencia. Ha occasiões em que actua sobre nós uma triste indolencia que leva de vencida toda a actividade, insufficiente-nos uma certa nostalgia

se espalham; mas bem depressa as ruas tornam-se érmias, porque as bombas principiam já a explodir, ferindo algumas pessoas.

Os habitantes, apesar de tudo, teem confiança; os indigenas principalmente consideram a praça inexpugnavel; mas o estado-maior reunido em conselho extraordinario na cidadella não está muito tranquillo com a situação, porque as muralhas estão em mau estado; o forte de S. Jorge, construcção oblonga de cem metros de largo sobre quatrocentos de comprido, não é de confiança; as baterias e bastiões, são trabalhos de fortificação defeituosos e de pouca solidez. E a guarnição, como é sabido de todos, é das mais miseraveis, composta de tresentos homens, recrutados na maioria de vagabundos e desertores. De officiaes ha tres tenentes e sete alferes.

O conselho reunido n'uma sala sombria, á roda d'uma grande mesa coberta com um panno verde, tem o quer que é de assembléa de mudos.

O estampido dos canhões, nas baterias proximas, respondendo aos sitiantes, é a unica voz que se

insípida e ferrenha que torna o homem verdadeiramente impotente, insoffrido, mesquinho e superficial. Estes momentos são felizmente transitorios e inconsequentes, mas repetem-se ás vezes com uma tal insistencia implacavel que fazem perder a miolera ao mais pacato e soffredor dos mortaes. Nem é dado pedir um recurso á phantasia, porque se escreve contrafeito, sobreposse, nem o estylo banal pôde supprir a insufficiencia da boa vontade. N'estas condições, se quizessemos dizer coisas bonitas, mas estafadas por milhares de plagiarios; se quizessemos fallar do sr. Marianno de Carvalho ou das suas trapaças desastradas e ruinosas para a bolsa do contribuinte; se intentassemos fallar na liberdade politica sob a invocação do sr. Lopo Vaz ou ácerca de qualquer liberdade, de todas as liberdades imaginarias e caprichosas; fallar na belleza dos prados verdejantes, na brisa da tarde, no ar livre, na chilreada das avesinhas canoras, etc., seriamos dominados por um impeto de mau humor pessimista e a penna iria parar abaixo da mesa, mandando ao diabo todo o labor voluntario em redigir uma pequena correspondencia para um jornal de feição.

Mas a proposito de que vem tudo isto? Eu já o digo. E' que não estava com vontade de escrever para este numero do *Povo*, com o que lucrariam os leitores pela ausencia d'esta massada tão insólita como desagradavel.

—A imprensa republicana tem sido unanime em accusar o padre Manuel Marques de Lemos, o denunciador do capitão Leitão, de ter estado hospedado em casa do brioso vencido do Porto. Eu posso affirmar que esta asserção é radicalmente destituida de fundamento, nem mesmo sei como foi engendrada. Tanto um como outro residiram em Vizeu na mesma rua, quasi vizinhos, e nem tinham relações. Entendo que nada se lucra com corroborar n'uma falsidade, embora em detrimento d'um padre que está atrelado ao vergonhoso estigma de denunciante como um condemnado á grilheta, como um miseravel que já se não levanta. Nada de offuscar a verdade, ainda que seja por uma conveniencia futil ou saliente. Não devemos proceder como essa imprensa monarchica, subsidiada e venal, que seguidamente á revolução do Porto não trepidou ante a insolencia da mentira ignoral e da infamia atroz para desconceituar um partido, desvirtuando a heroicidade d'um punhado de revolucionarios.

Repito, não tem base nenhuma tal affirmativa.

—No lugar das Frias de Cima, na semana passada, foi encontra-

ouve, alternando-se de vez em quando com a dos officiaes reunidos.

—Que plano adoptaremos nós para a defeza?

—Antes de decidirmos seria preciso conhecer o plano d'ataque.

O presidente do conselho, o governador Nicolau Morse, não possui aptidões militares, nem pretensões de as ter. O seu unico cuidado, na questão politica, é obedecer, á risca, aos seus superiores, ainda que circunstancias imprevistas tornem a execução de ordens antigas absolutamente desastrosas. Como no caso presente, não tem instrucções especiaes, contentando-se em abanar a cabeça. Se se tratasse de negocios commerciaes ou mesmo de negociações com o inimigo, então veriam que capacidade alli estava; mas de coisas de guerra não entende nada.

Entretanto atreve-se a expender uma ideia. A voz do canhão attrahe-o para fóra e levantando-se convida com um gesto os officiaes a seguirem-n'o.

(*Continúa.*)

A CONQUISTA DO PARAISO

—I

O desembarque

O silencio era apenas alterado pela respiração dos homens que alli estavam; mas se algum acordasse áquella hora poderia ouvir Bussy murmurar, uma vez ainda, como se pronunciasse o nome de uma namorada querida:

—Djennat-Nichan!

* *

No dia seguinte, ao romper do sol, Nicolau Morse, governador de Madrasta, acordou com mau sabôr de bocca. O primeiro tiro de peça fel-o saltar como uma beneca, na cama. Elle grita:

—O que é isto? Trovões!

A continuação das descargas não lhe permitem conservar por mais tempo as illusões, nem attribuir ao céu todo o barulho que ouve.

Salta do leito, descalço, corre assustado á janella, e desce para a galeria exterior.

O seu olhar interroga os arredores e circumvisinhanças, mas nada vê além das grandes arvores do jardim onde se empoleiraram umas avesinhas cantando descuidadas de todas as coisas d'este mundo.

O ribombar fez estremecer as casas e vibrar os vidros das janellas, mas eis que se ouve o som de passos na areia do jardim. E' um soldado. Reconhece-se a côr vermelha do seu uniforme atravez os macissos de jasmims.

—Que novidades ha? pergunta o governador, enfiando á pressa a perna da calça.

O mensageiro apparece á porta do quarto.

—Então! falle, homem! interroga sir Morse.

—São os demonios dos francezes que desembarcaram a noite passada e bombardeiam a cidade.

—Francezes! Que dizes, maldito!!

A esta nova, sir Morse cahe n'uma cadeira de braços, onde, quasi sem poder tomar a respiração, ouve o relatorio do soldado, que é o seguinte:

Ao alcance da artilheria estão fundeados oito navios inimigos; dois mil homens desembarcaram a pouca distancia da embocadura de Montauron, levantando uma bateria com seis morteiros.

—Vá dizer que d'aqui a um instante lá estou na cidade.

O soldado faz a continencia e dá meia volta, enquanto o governador toca a rebate em todas as campainhas do palacio. Apparecem os creados que vestem o amo, e o penteiam, e o polvilham.

A residencia official, do primeiro ao ultimo dos compartimentos, está em plena agitação, n'um vae-vem de ordens, de gritos, adivinhando-se o perigo proximo, e vendo-se a necessidade de abandonar esta casa que fica longe e sem protecção. E é preciso fugir d'ella quanto antes. Lady Morse, vae emmalando as suas joias, coadjuvada por seus filhos, porque as pretas tão atarantadas andam que nada fazem.

Os cocheiros atrelam os cavallos aos trens.

O susto não é menor na cidade, cada um correndo d'um lado para outro a saber o que ha, a interrogar, sobre as noticias terriveis que

do n'um poço o cadaver d'uma mulher, creada de servir e natural da freguezia da Branca.

No domingo effectuaram-se no concelho nada menos do que tres romagens. E' um diluvio de festas em que o Zé povinho folga á vontade e por pouco dinheiro.

B.

NOTICIARIO

PROROGAÇÃO DA MORATORIA

Segundo as informações da imprensa que recebe inspiração do gabinete ou dos seus apaniguados, a crise monetaria está longe de principiar a solver-se amanhã, em que expira a moratoria.

O Banco de Portugal vai ficar com privilegios escandalosos. O governo não pensa, se damos credito a esses jornaes, em prorogar a moratoria, mas conserva ao Banco de Portugal o direito de não converter em ouro as notas d'este metal.

Portanto a moratoria continuará, embora mais suavizada, com excepção para aquelle Banco, porquanto cessa fatalmente amanhã para os particulares.

E' isto o que nos diz a imprensa officiosa do gabinete.

Misericordia

E' hoje que deve ter lugar a eleição da meza da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade. Parece, que, não havendo opposição, será reeleita a meza cessante.

PANICO

Ante-hontem espalhou-se ahi que as notas do Banco de Portugal iam soffrer depreciação depois do dia 10 do corrente.

Como se vê, a ballela peccava por disparatada, mas é certo que muitas pessoas que tinham notas se assustaram.

Para dar vulto ao medo coincidiu o facto da baixa rapida no cambio das libras, e n'esse sentido haverem vindo para esta cidade telegrammas avisando para não serem compradas mais libras. Porém, depressa se restabeleceu o socego.

Parece, no entanto, que a versão foi levantada por agentes de um syndicato que se propõe especular com a crise monetaria, acrescentando-se que andam pelas localidades espalhando noticias terrorificas ácerca da crise.

EXONERAÇÃO

Foi exonerado o director das obras publicas d'este districto. Igual sorte tiveram os directores de outros districtos.

Foi determinado que durante os mezes de julho, agosto e setembro os direitos de exportação de sardinha de conserva sejam cobrados sobre o valor de 100 réis por cada kilogramma d'aquella mercadoria, que até aqui tinha o valor official de 120 réis.

Egualmente se determinou que, no mesmo periodo, o direito de exportação de sal seja de 1 p. c. Este direito era de 1 1/2 p. c.

Espalhafato policial

Na tourada de domingo, a policia botou espalhafato de força armada para manter a ordem. No largo do Rocio estacionava uma força de cavallaria 10, e alguns policiaes de arreganho feroz. Na praça reinou sempre a melhor ordem, e houve ruidosas manifestações de entusiasmo ao ser tocada a *Portuguezia*. E' menos verdade que a auctoridade a tivesse prohibido, embora se pensasse n'isso. Prevaleceu o bom

senso, por isso o espectáculo correu sem nenhum attricto, o que não succederia se não se consentisse que fosse tocada a *Portuguezia*, tanto mais que os guardas ainda não esqueceram o incidente da penultima tourada.

O povo respondeu com altiva compostura e desdem aos espalhafatos do sr. commissario, que continúa a ser de um ridiculo traga-moios.

No mais, andou muito bem, sr. Pinto! Foi uma excepção que escureceu um pouco a tolice de incommodar a tropa, e a policia.

Contra a agiotagem

Um nucleo de directores de varios bancos de Lisboa resolveu pôr cobro á agiotagem, decidindo entre outras coisas terminar a compra de libras e receber prata em depositos a juros, pagaveis nos vencimentos em moeda.

A's pessoas que quizerem effectuar depositos d'esta especie, pelo prazo de 60 dias, será abonado o juro de 6 p. c. ao anno, ou seja 1 p. c. nos dois mezes; e facultar-se-ha o pagamento antecipado em notas, abonando-se ainda n'este caso o juro, á mesma taxa, correspondente ao prazo effectivo do deposito contado dia a dia.

Por esse motivo é que o agio das libras desceu rapidamente.

Salinas

Estão muito adiantados os trabalhos das salinas, devendo em breves dias ficar algumas a produzir.

Uma folha de Villa do Conde accusa que meia duzia de homens que occupam os principaes cargos em Povoá de Varzim fundaram uma associação secreta que tem por fim desgraçar e depois entregar ao monturo todas as infelizes que lhes cahiam nas garras.

Mas o que nos admira e pasma—acrescenta o mesmo jornal—é, segundo nos consta, estarem aggregadas áquella maldita seita mulheres vivvas, casadas e solteiras, para, por este meio, poderem mais facilmente induzir as pobres filhas de Eva ao serrallho que estabeleceram, segundo nos dizem, no logar das Portas Fronhas, suburbios d'esta villa, e em varias casas da Povoá, para aquelles selvagens saciarem os seus instinctos ferozes!

Falta de milho

Apezar da grande quantidade de milho importado em Lisboa ha semanas, é geral no paiz a falta de milho, que por isso continúa a subir de preço.

A requisição do governo civil d'este districto foram remettidos esta semana para a Villa da Feira cerca de 32.000 kilogrammas d'aquelle cereal para abastecer o mercado d'alli.

Abundancia de pesca

Esta semana, o mercado tem estado abundante de pesca fresca, principalmente de rebalos e pescadas que chegaram a um preço accessivel ás bolsas menos remediadas.

O Kinetographo

Edison prepara, segundo dizem alguns periodicos estrangeiros, outra surpresa: um apparelho por meio do qual poderemos, até de nossas casas, ouvir e ver uma opera, uma comedia, um drama, etc. Trata-se, segundo parece, de uma nova combinação do phonographo e da photographia.

Para recolher um drama ou

uma opera basta pôr o apparelho sobre uma meza em frente do scenario. Apenas se levanta o panno, o apparelho principia a funcionar e escreve tudo o que se passa, á razão de quarenta imagens por segundo. No fim do acto mudam-se os cylindros photographicos e phonographicos. Se se quer reproduzir logo as imagens e substituir a objectiva por uma lente, obtem-se logo a exacta reprodução de tudo o que se tem passado, isto é, tanto a voz como as fórmias e os gestos. E', n'uma palavra, um apparelho de photographia instantanea e simultanea das fórmias e dos sons, applicavel á scena da vida commum, á vida do theatro ou do parlamento.

Ha dois dias que o calor é excessivo.

FRUCTA

E' pouco abundante o nosso mercado de fructa, e a que apparece, é vendida por um preço a que poucas vezes chega em Aveiro.

O que apparece em maior quantidade é a ameixa, mal sazoadada, que obtem bom preço.

Proezas do commissario de policia

Na sexta-feira foi preso, por suspeito, na estação do caminho de ferro d'esta cidade, um homem, que deu em seguida entrada na cadeia, onde o commissario o conservou durante tres dias e tres noites, sem lhe ter ministrado alimento algum, e que decerto morreria á fome se não fóra a caridade do carcereiro, a quem o infeliz se queixou já passadas muitas horas de que não tinha comido desde que fóra preso.

Ouvimos a queixa da propria bocca do infeliz, e foi corroborada pelo testemunho do carcereiro. Se não fóra isso não acreditaríamos em tamanha crueldade, em que nos apparece o sr. commissario sob um aspecto nada sympathico.

E' espantoso, tanto mais quanto é certo não ser este facto unico na administração policial do sr. Pinto Victor.

Revoltou-nos tanto desleixo e pouca vergonha n'um funcionario que atira brutalmente para a masmorra um homem e ahi o conserva uns poucos de dias, sem lhe mandar dar de comer!

Para o facto que vimos denunciando chamamos a attenção do sr. governador civil. E' necessario que s. ex.ª dê providencias para evitar futuros abusos do sr. commissario, e que os infelizes que lhe cahem sob a alçada não fiquem expostos a morrer de fome, como ia agora succedendo.

O procedimento do sr. Pinto merece severa correcção. Pois fiquem certos de que vamos tomal-o á nossa conta.

O recolhimento do Rego

Por ordem superior vão ser recolhidas no convento do Desagravo, a Santa Clara, em Lisboa, as senhoras professoras que ainda existam no recolhimento do Rego, podendo ser acompanhadas por algumas educandas d'esta casa monastica.

NOTAS

O nosso amigo Arthur Paes recebe na sua loja, em pagamento de artigos na importancia minima de 1.000 réis, notas do valor maximo de 5.000 réis.

Temos visto que o commercio local tem auxiliado eficazmente a crise, não sabemos se por ignorancia se por medo, negando-se a aceitar notas em pagamento.

E' um erro palmar, que redundará em mais directo prejuizo dos commerciantes, que deviam por todos os modos procurar manter e auxiliar as transacções, facilitando cambios nas condições em que é justo e vantajoso realisal-os.

Se é por medo que alguns negociantes não recebem notas em pagamento, achamol-o infundado, e filho de um apoucado criterio. Deus nos livre de acceitarmos até como plausiveis as apprehensões que por ahi invadem o animo de muita gente. Se por espirito de imitação ou victima da corrente ignara que hoje manda repudiar o papel-moeda, lamentamos esses negociantes, que nem sabem curar dos seus interesses. Queixam-se da crise, e em vez de estudarem attenual-a, ou attenual-a com os meios logicos e correntios que tem á sua disposição, auxiliam-n'a, aggravam-n'a, difficultando a circulação da moeda que hoje abunda no mercado, e, tenham paciencia e não se assustem, com a qual nos havemos de governar por largo tempo.

* *

Bom serviço

Foi ha dias mandado inutilisar uma porção de cereja que se achava deteriorada e exposta á venda no mercado.

CASAS A PRESTAÇÕES

O sr. Domingos João dos Reis publicou novo convite, mais explicito, para acquisição das suas casas no bairro dos Santos Martyres.

Como já dissémos, julgámos viavel o contrato que o sr. Reis propõe, e até vantajoso para quem pretender comprar casa a prestações mensaes, durante 20 annos, e com a obrigação de n'ella habitar durante o mesmo prazo.

Corre que a procuradoria régia deu parecer para se abonarem passagens para Africa ás esposas dos militares que por causa da revolta de 31 de janeiro estão degedados em Angola, S. Thomé e Moçambique.

O que as dioceses custam

No exercicio findo custaram as dioceses do continente nem menos de 149.471.872 réis.

No exercicio de 1891-92 custar-nos-hão 149.853.043 réis, assim distribuidos:

Provincia metropolitana de Lisboa—121.617.473.

Provincia metropolitana de Braga—10.656.334.

Provincia metropolitana de Evora—5.060.479.

Subsidios a cabidos—4.518.757.

Subsidios aos parochos das freguezias comprehendidas na região vinhateira do Douro, e diversas despezas das dioceses—8.000.000.

E os bispos ainda pedem mais conegos.

Finou-se em Philadelphia o pae da sr.ª viscondessa da Borralha.

Contra a debilidadade

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

Enveloppes commerciaes a 80 réis o cento.

Cartões de visita desde 70 réis o cento.

Hygroscopios (barometro economico) a 60 réis.

Papéis de côres, de luto, de phantasia, etc.

Papel de chupar.

Obreias em pasta e em caixa.

SO' NA LOJA DE ARTHUR PAES
Preços sem competencia

COMMERCIO

Inscrições

PARIZ, 6.—3 0/0 portuguez, 40,81.

LONDRES, 7.—3 0/0 portuguez, 40,75.

LISBOA.—48,80.

Cambio

RIO DE JANEIRO, 2.—Sobre Londres, 17 7/8, com tendencia para baixa.

Movimento da Barra de Aveiro

EM 2 DE JULHO

Entradas:
Hiate «Novo Preceito», mestre A. S. Negocio, de Villa do Conde, em lastro.
Não houve sahidas.

EM 3

Entradas:
Chalupa «A Patria», mestre L. F. Bichão, de Caminha, em lastro.
Não houve sahidas.

EM 4

Entradas:
Hiate «Lima 1.ª», mestre J. Marques, de Villa do Conde, em lastro.
Não houve sahidas.

EM 5

Entradas:
Hiate «Bom Jesus», mestre J. M. Machado, do Porto, em lastro.
Sahidas:
Hiate «Affonso», mestre F. Fort'homem, para Villa do Conde, com sal.

EM 6

Não houve movimento.

EM 7

Não houve entradas.
Sahidas:
Hiate «Novo Preceito», mestre A. S. Negocio, para o Porto, com sal.

EM 8

Entradas:
Cabique «Vamos com Deus», mestre J. M. Ratto, de Setubal, com pesca salgada.
Não houve sahidas.

Estado do mar e tempo

Vento N. regular. Mar bom.

Indicações uteis

HORARIO DOS COMBOYOS

(Estação de Aveiro)

Comboyos ascendentes:—Chegada do mixto n.º 1, ás 6,24 da tarde; do correio n.º 3, ás 5,18 da manhã; e do mixto n.º 5 (expresso), ás 6,59 da manhã.

Descendentes:—Chegada do mixto n.º 2, ás 11,24 da manhã; do correio n.º 4, ás 9,28 da noite; e do mixto n.º 6 (expresso), ás 5,11 da tarde.

HORAS DE OCIO

Charadas novissimas

Safa! este movimento contrario é para estimar!—2—2

Além e aqui esta variação grammatical aperta—2—1—1.

Encobre esta nota só para vedar—3—1.

Qual é a palavra que, ás direitas indica um movimento util e ás avessas um animal inutil?

Aveiro.

TA-COS.

Explicação das charadas do numero de quinta-feira:—José Estevão.—Republica.—Borracha.
Explicação da pergunta:—Baeta.

Annuncios

VENDE-SE

UMA propriedade de casas altas, situadas na rua de José Estevão, d'esta cidade, pertencentes á viuva de José Marinho Ribeiro.

Quem as pretender comprar pôde dirigir-se á mesma viuva, residente na mesma cidade, na sua casa da rua do Alfena.

MACHINAS



SINGER

PARA COZER

As que teem obtido os primeiros premios em todas as exposições

A 500 RÉIS SEMANAES

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES!

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO — 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79 — AVEIRO

E em todas as capitães dos districtos

LIVRARIA ACADEMICA

DE

JOAQUIM FONTES PEREIRA DE MELLO

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande sortimento de livros para lyceus e escolas primarias. Correspondencia regular com as principaes livrarias estrangeiras. Albuins para desenho, poesia e retratos. Variada colleção de papeis comuns e de phantasia. Novidades litterarias e scientificas. Romances e theatro. Centro de encadernações e brochuras. Objectos de escriptorio e desenho. Tintas d'oleo e aguarella, pinceis, papel tela, vegetal, continuo e marion. Bonitos estojos de desenho. Oleographias, chromos, estampas em relevo, pinturas a oleo, em tela, e madeira. Completo sortido de perfumarias, objectos de toilette, cartonagens para bordados, bilhetes de felicitações, objectos de porcellana, cutilaria, etc.

Assignatura permanente de todas as publicações portuguezas, e centro de assignaturas de todos os jornaes portuguezes, francezes e hespanhoes.

Encarrega-se da impressão de bilhetes, facturas e memoranduns.

Descontos vantajosos aos revendedores de livros.

TABACARIA

DE

Joaquim Fontes Pereira de Mello

PRAÇA DO COMMERCIO — AVEIRO

Grande fornecimento de tabacos e variada escolha de marcas tanto nacionaes como estrangeiras. Colleção completa de cigarreiras, fosforeiras, bolsas para tabaco, carteiras e bilheteiras.

ARMAZEM DE DROGAS

DE

JOAQUIM M. P. FALCÃO

43 — R. N. DO ALMADA — 44

LISBOA

Artigos para fabricas de lanificios, cortames, louças e outros.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

VIDA DE LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

Segunda edição, com os retratos de Emilio Castelar e de Lord Byron. — 1 vol. br., 500 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio a livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeiros, 18 e 20 — PORTO.

Novo Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico, mythologico, etc.

COMPILADO

POR

Francisco de Almeida

Condições da assignatura: — O Novo Diccionario Universal Portuguez contém 2:424 paginas, divididas por dois volumes. A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas. Os srs. assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se antecipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

Preço de cada entrega, 120 réis. Fechada a assignatura, o preço será augmentado com mais 20 p. c.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares & Irmão, largo de Camões, 5 e 6 — Lisboa.

Aos industriaes da Provincia, Ilhas e Colonias

Guilherme Melchades, negociante da praça de Lisboa, convida todos os fabricantes de artigos de facil consumo com residencia nas provincias, a expol-os e negociar-os por sua intervenção por grosso e a retalho, creando para uns e augmentando para outros consideravelmente seus interesses completamente garantidos.

N'este grande Bazar da Industria provincial onde serão expostos os vinhos e licores, os doces, bolaxas, fructas séccas e verdes, as conservas e todos os outros generos alimenticios não susceptiveis de deterioração, os cestos, cachos, as rendas e outros trabalhos, a louça de toda a qualidade, o sabão, sabonetes e perfumarias, o papel de impressão, almasso ou para cartas e outros, as machinas e aparelhos diversos, os pannos, algodões e linhas, o calçado, etc., etc., e finalmente todos os artigos de uso domestico e de verdadeira necessidade que Lisboa e os estrangeiros que a ella concorrem desconhecem completamente, deixando por isso de adquiril-os bu preferindo outros de inferior qualidade, n'este Bazar, affirmamos que será grande e constante a concorrência e eguaes os interesses proporcionados a todos os industriaes das nossas bellas e fertes provincias e colonias cujos artefactos tanto brilharam na exposição da Avenida.

Para todos os esclarecimentos dirigir-se em carta franco de porte a Guilherme Melchades, rua de D. Pedro V, n.º 1, 3 e 5, Lisboa, indicando-se o genero do artigo a expôr e negociar, e enviando-se estampilha para resposta.

OS COMPANHEIROS DO PUNHAL

GRANDE ROMANCE DRAMATICO

Por L. STAPLEAUX

Terminado o vol. 1.º Preço, franco de porte, 600 réis. Todo e qualquer individuo pôde assignar para este notavel romance, recebendo o numero de fasciculos que determine, por semana ou mensalmente.

1.ª edição. — Preço de cada fasciculo, para Lisboa 50 réis; para as provincias 60 réis.

2.ª edição. — Cada fasciculo em Lisboa, 20 réis; nas provincias, assignatura por 12 fasciculos pagos adeantadamente, 300 réis. Remessa em vale ou estampilhas á Nova Empreza Editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa.

ENCADERNAÇÃO ACADEMICA

DE

J. PEREIRA CAMPOS & FILHO

60 — RUA DA VERA-CRUZ — 62

AVEIRO

Nesta officina executam-se quaesquer trabalhos concernentes á sua arte, taes como: brochuras, encadernações de luxo, pastas, carteiras, charuteiras, cigarreiras, douramento em seda e velludo e envernisação de mappas e estampas.

PREÇOS MODICOS

REMEDIOS DE AYER

Peitoral de cereja de Ayer — O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparilha de Ayer — Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra as sezões — Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer — O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



VIGOR DO CABELLO DE AYER — Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

E' um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dôres de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua. Preço de cada frasco, 600 réis.

Os representantes JAMES CASSELLS & C.ª, rua de Mouzinho da Silveira, n.º 85, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES

para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se nas principaes pharmacias e drozarias. Preço, 240 réis.

Manuel Nunes Correia, Filhos & C.ª

188 — RUA DE S. JULIÃO — 198

LISBOA

ALFAYATES E MERCADORES

ESTE tão conhecido estabelecimento, aonde o publico encontra um bonito e variado sortimento de artigos de modas, tanto para homens como para senhoras e creanças, acaba de abrir um novo ramo de commercio.

Secção de Depositos e Caixa Economica

Recebem dinheiro em depositos abonando os seguintes juros:

| | |
|----------------------------|----------------|
| A' ordem | 3 p. c. annual |
| 3 mezes de prazo | 4 p. c. » |
| 6 » » | 5 p. c. » |
| 12 » » | 6 p. c. » |

JUROS PAGOS AOS SEMESTRES

Esta secção abre todos os dias não sanctificados ás 9 horas da manhã e fecha ás 6 horas da tarde. Nos dias sanctificados abre ás 10 horas da manhã e fecha á 1 hora da tarde.

Pela Patria e pela Republica

Novo livro de Magalhães Lima com um prefacio de Latino Coelho

A' venda na LIVRARIA ACADEMICA, á praça do Commercio — Aveiro. Preço 400 réis.

A MARSELHEZA

E A PORTUGUEZA

EM PORTUGUEZ E EM FRANCEZ Preço 40 réis. — Para revender grande desconto.

A' venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto. Pedidos a Julio Flavio, rua de S. Lazaro, 90 — Lisboa.

EDITOR — FAUSTINO ALVES Typ. de "Povo de Aveiro."